

ANÁLISE DE FIGURINO DA MINISSÉRIE PACHINKO E SUA DRAMATIZAÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL DO *HANBOK* ENTRE 1900-1930

SANTOS, Leidiane dos¹
GUIMARÃES, Elisangela M.²

RESUMO

A comunicação a partir dos figurinos históricos dentro de uma obra cinematográfica de época representa uma parte da complexidade da narração de uma história do tipo, onde ecoa cultura e mudanças a partir das vestes. A presente pesquisa qualitativa, analisa através da semiótica peirceana, dois figurinos da personagem protagonista Sunja, da minissérie *Pachinko* (2021), a fim de fundamentar a história da Coreia no período de 1900 até 1930 para conceituar a indumentária tradicional coreana e a compreensão do desenvolvimento da protagonista por meio dos figurinos criados pela figurinista Kyunghwa Chae.

PALAVRAS-CHAVES

Figurino. Indumentária. *Hanbok*. Linguagem cinematográfica.

1. INTRODUÇÃO

A moda é muito mais do que um simples adorno ou um reflexo das tendências contemporâneas; é uma linguagem visual que, através de suas texturas, formas e cores, comunica um rico conjunto de significados. No universo cinematográfico, o figurino desempenha um papel espelho da moda, onde fundamenta a construção narrativa e desenvolvimento dos personagens, dando a eles uma essência, a partir do visual, enredo e cenários (Edgar-Hunt; Marland e Rawle, 2013). Neste trabalho, é explorada a complexa e evocativa linguagem dos signos no contexto da série de televisão "Pachinko" (2021), que retrata a história e as mudanças da Coreia nos anos de 1900.

Pelo olhar crítico da protagonista Sunja é desenvolvido uma jornada dolorosa de uma jovem inocente a uma matriarca de família resiliente. Um dos elementos narrativos principais está nos seus figurinos, que acompanha sua evolução e expressa as transformações pessoais e de toda uma sociedade que se moderniza à sua volta. Para compreender plenamente o significado dos figurinos da minissérie, é essencial explorar as transformações sociais, políticas e culturais que marcaram a Coreia na virada do século XX. Um momento crucial desse período foi a anexação da península coreana pelo Japão entre 1910 a 1945, sendo esse um evento que não apenas redefiniu as fronteiras geográficas, mas também deixou um impacto indelével nas tradições culturais e o modo de se apresentar ao mundo pela indumentária tradicional milenar, chamada *hanbok*³ (Anawalt, 2011).

Assim, os objetivos do trabalho são fundamentar a partir de uma vasta pesquisa bibliográfica a história da Coreia nesse período conturbado, para aprofundar a compreensão da importância dos *hanboks* na história coreana; entender como foi colocado o amadurecimento da

¹ Estudante de Design de Moda pelo Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) câmpus Jaraguá do Sul - Centro.

² Mestre em Design pela Univille (2016). Pós-graduada em Educação de Jovens e Adultos pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (2010). Bacharel em Moda pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2005).

³ Traje milenar anteriormente roupa do dia a dia coreano para homens e mulheres, composto pela sobreposição de peças e acessórios (Smith, 2022).

protagonista Sunja a partir dos seus figurinos feitos pela figurinista Kyunghwa Chae e aplicar a semiótica peirciana para fazer a análise.

A fim de atingir os objetivos de análise, a aplicação da ciência semiótica no cinema, permite interpretar em camadas os elementos estéticos e plásticos em cena. Ao fazê-lo, os visuais e símbolos que compõem as vestimentas, se encaixam na narrativa geral da série e contribui para uma interpretação madura e envolvente sobre a vida e a luta de mulheres coreanas pelo seu espaço, cultura e valorização de sua identidade, em um recorte sócio-econômico pouco aprofundado nas histórias e estudos do período.

2. DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento se constrói através de uma disposição teórica necessária para contextualizar os tópicos que permeiam a atividade de analisar os figurinos da minissérie *Pachinko*, mais precisamente da personagem Sunja ao longo da vida. Para tanto, será feita a introdução sobre a Coreia no período em que se *Pachinko* (2021), um resumo sobre a minissérie, com foco na personagem coreana, o traje tradicional *hanbok* e sua abordagem como figurino. Por fim, será apresentado o conceito de semiótica no cinema.

2.1. Contexto histórico e político da Coreia entre 1900-1930

Estabelecida no extremo leste continental asiático, separada do país chinês e do Japão, a história da península coreana é complexa e atravessa séculos de desafios com confrontos nas suas fronteiras (Macedo, 2018). Embora com diversos embates, durante mais de quinhentos anos de dinastia e quatro mil anos de império, o povo do leste asiático contém sua própria narrativa. Isso é drasticamente alterado em 1905, quando o japonês Ito Hirobumi⁴ ocupa as dependências do palácio coreano e exige um Tratado chamado de Protetorado Japão-Coreia. De acordo com Buzo (2002), o acordo concedia ao Japão o controle da política externa da Coreia e outros poderes importantes para supervisionar a nação vizinha.

Segundo Oliveiras (2008), a reação dos coreanos ao Tratado de Protetorado Japão-Coreia foi de resistência, inclusive armada. Nos cinco anos desse acordo, onde o país coreano era protetorado pelos japoneses, ocorreram diversos enfrentamentos com o grupo do Exército Justo⁵, que, em sua maioria, era composto por camponeses das províncias meridionais da península e lutava pela plena igualdade e nacionalismo coreano.

Mediante os interesses nipônicos, em 1910, é iniciada a colonização japonesa na Coreia, que passa a ser oficialmente anexada pelo Japão. Acerca da anexação, Anawalt (2011 p. 184) relata que “A Coreia só perdeu totalmente sua independência uma única vez, durante o período da anexação japonesa, de 1910 a 1945. Esses 35 anos de ocupação representam para os coreanos um verdadeiro trauma”. Para Dudden (2004), a anexação da Coreia pelo Japão foi feita violentamente, onde os japoneses impuseram sua cultura e seu idioma sobre a Coreia, além de também explorar a economia e os recursos naturais da península.

É nesse cenário conflitante histórico coreano e em um recorte social menos favorecido e rural que a minissérie *Pachinko* (2021) é tecida, e será nela que esse projeto de pesquisa se dedica a estudar a história da nação no século vinte, suas mudanças sociais, culturais e como o traje tradicional *hanbok* apresenta essas mudanças para tempos novos.

⁴ Elaborador da política externa japonesa. Primeiro Ministro japonês entre 1885 a 1888 e o primeiro general nas terras coreanas. Assassinado por um nacionalista coreano membro do Exército Justo em 1909 (Deny, 2011).

⁵ Conhecidos também como “*Uibyeong*”, o grupo era dividido entre uma parcela que mantinha sua fidelidade à dinastia Joseon e outra porcentagem de radicais que lutavam pela igualdade e o nacionalismo coreano (Macedo, 2018).

2.1.1. Pachinko

Pachinko é uma minissérie dramática baseada no romance homônimo da jornalista Min Jin Lee, que estreou na *Apple TV+* em 2021 e conta a vida de uma família coreana fictícia ao longo de quatro gerações. Em ambos os formatos, a história se inicia durante o Tratado de Protetorado Japão-Coréia, também conhecido como Tratado de Eulsa⁶, enquanto o imperador em vigor, Gwanmu⁷ buscava meios e contatos com os Estados Unidos para retornar a soberania da Coréia como Estado (Macedo, 2018).

De arco inicial, temos a primeira geração da família (Figura 1A) sendo dona de uma pensão voltada para trabalhadores rurais entre a ilha de Yeongdo e Busan. O núcleo secundário de hóspedes dos primeiros episódios reflete a visão dos rebeldes do Exército Justo, nacionalistas pró-Coréia, e serve para expor o sentimento de injustiça, nutrido no período. Nessa primeira fase da minissérie, a personagem, que virá a ser a protagonista Sunja (Jeon Yu-Na), é uma criança inocente, assustada com militares japoneses impondo ordens aos clientes de seus pais, que por vezes tentam ser isentos para não gerar conflitos e perdas monetárias (Soo, 2021).

Embora tenham cuidado com o que falavam e expressavam, a família de Sunja se vê enlutada e com inúmeras dificuldades financeiras, quando precocemente seu pai adoece de tuberculose e perde sua vida isolado em um dos quartos da pensão. O modo como o frio chega para a família e como é trabalhado essa mudança para a mãe de Sunja assumir o posto de dona de um negócio, traça o rumo em que o enredo quer chegar, em um ambiente que sempre teve mulheres fortes e solúveis em situações difíceis.

A história avança para 1915 e se desdobra para a maturidade da jovem Sunja, agora interpretada pela atriz Min-ha Kim, que atua em seu papel de filha única e auxilia sua mãe viúva em meio às mudanças políticas do país, com a perda da independência nacional. Sobre o período de transição geopolítica, o crítico de cinema Fan (2022) comenta que a adaptação de *Pachinko* tem: “Uma narrativa ao mesmo tempo feia e linda, íntima e abrangente, isolada e universal, capaz de hipnotizar o espectador do começo ao fim” e que de maneira majestosa, os episódios iniciais conseguem transitar e contar a dolorosa história real da anexação da Coréia pelo Japão, e as consequências sentidas até a atualidade.

Nessa segunda fase, temos também um foco maior na história de Sunja além do núcleo da pensão, onde a vemos sair para fazer compras no mercado da região e negociar com mercadores. É em um dos passeios que ela se apaixona pela primeira vez por alguém, e vive um amor proibido. O sentimento é nutrido por um homem mais velho, responsável pelo comércio mercantil que visitava. Seduzida pelo homem à beira de rios, Sunja cede aos encantos dele e isso resulta em uma gravidez. Ao comunicar sobre a gestação ao mercador, Sunja descobre que ele já era casado e tinha filhos, e ao não aceitar ser a amante do homem, tem o curso de sua vida alterado, implicando no futuro das gerações da sua família (Soo, 2021).

Grávida, desiludida e com o rumo da sua vida direcionado para inúmeras dificuldades por ter a perspectiva de ser mãe solo, Sunja é acolhida por sua mãe, que mantém a moça nos serviços da pensão e se desdobra para vê-la saudável e bem alimentada no meio da escassez de alimentos. Os meses passam, e quando o tempo muda para as chuvas de outono, surge um viajante doente, diagnosticado com tuberculose. Prontamente, todas as funcionárias da pensão iniciam os cuidados possíveis para o hóspede adoecido, que possuía conexões com o falecido patriarca da família de Sunja, assolado pela mesma doença do rapaz (Fan, 2022).

O personagem em questão, chama-se Baek Isak, e é um pastor devoto com um histórico de enfermidades. Ao ser tomado pela gratidão de melhorar após semanas de cuidados, Isak,

⁶ *Eulsa* refere-se ao 42º ano do ciclo sexagenário do calendário chinês, que é conhecido como "Ano da cobra azul" em coreano. Por ter sido assinado em 1905, o tratado corresponde ao ano do ciclo sexagenário e torna-se uma metonímia baseada no elemento calendárico (Han, 2022).

⁷ Nome póstumo de Gojong (1852-1919). 26º rei da Coréia e imperador da Coréia (Macedo, 2018).

ciente da situação delicada da jovem grávida, propõe Sunja em casamento, dando a ela a oportunidade de recomeçar sua vida em outras terras e a de criar seu filho com outro homem. Embora fragilizada e ainda apaixonada pelo seu antigo amor, a jovem aceita essa proposta, e grávida se desloca para o Japão (Figura 1B), onde o pastor iria exercer sua função religiosa, morando em Osaka com seu irmão e sua cunhada (Soo, 2021).

Figura 1: Fases de Sunja. A) Sunja e família na fase um. B) Sunja e cunhada na fase dois.



Fonte: *Pachinko, sobrevive, por encima de todo*. Magazinema (2022)

Grata por não ter a vida manchada na sua terra natal, seu recomeço é construído com dificuldade, sendo pouco acolhida pelo povo nipônico. A fase de mãe, esposa, a sua nova relação de amizade com a cunhada, torna Sunja ainda mais complexa no seu amadurecimento. A história da personagem se estende até sua velhice, em que além da imigração, trabalha assuntos como a traição, pertencimento étnico racial e enriquecimento de coreanos no Japão através de casas de jogos de azar com *pachinko*⁸. Esse último ponto dá origem ao título da obra, e é a maneira como o filho de Sunja consegue conquistar uma vida melhor em meio às inúmeras desigualdades presentes na terceira geração da família.

Salienta-se que, é pelo olhar de Sunja que temos um dos principais dispositivos para contar as mudanças silenciosas que o tempo e os conflitos podem causar em toda uma nação na obra *Pachinko* (2021). Dentre as camadas que apresentam a personagem, um dos que se estabelece como fio narrativo é os seus figurinos: os trajes milenares coreanos chamados *hanbok*, que sofrem alterações conforme são influenciados pelos atos japoneses, questões socioeconômicas dentre os anos de 1910-1945, e posteriormente também deixam de ser o traje do dia a dia por conta da própria globalização, das exposições mundo afora (Soh, 2008).

Sendo o próximo tópico em evidência, o *hanbok* compõe – de suas inúmeras peças – o processo narrativo do amadurecimento de Sunja. Apoiando-se com o momento histórico em que se passa a minissérie, Anawalt (2011 p. 189), ao abordar a cultura coreana do *hanbok*, ressalta o ideal de “pudor e dignidade [...] valores fundamentais para uma mulher na sociedade. Logo, o objetivo do vestuário feminino no país é ocultar o corpo sob metros e metros de tecidos.”

2.2. Hanbok

Sendo as vestimentas que conectam os figurinos de Sunja de *Pachinko* ao seu país de origem, o *hanbok* é conceituado por Kyung Ja e Jung (2013) como trajes milenares que remontam ao período dos Três Reinos⁹. As vestes coreanas completas, compostas por inúmeras peças, são registros das mudanças culturais e políticas ao longo dos milênios, percorrendo até o último reinado na Dinastia Joseon (1392 d.C. a 1897 d.C.) e o seu uso na contemporaneidade para datas especiais – como casamentos, comemoração de um ano de idade (Jang; Lee, 2011) e velórios –,

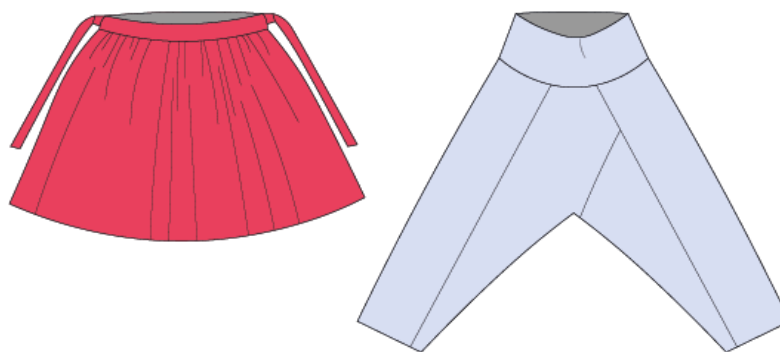
⁸ Segundo Brooks, Ellis e Lewis (2008), *Pachinko* é uma máquina do tipo "fliperama" japonês.

⁹ Período de divisão da península em Baekje, Silla e Koguryo. É o primórdio da civilização coreana.

após sobreviver à Ocupação Japonesa (1910-1945) e a divisão da península em Norte e Sul (Balducci, 2021).

Kyung Ja e Jung (2013) pontuam que, desde os primeiros registros de *hanboks* em ilustrações, as damas vestiam calças largas, chamadas de *baji* (Figura 2B), sob uma roupa exterior com uma saia igualmente larga, nomeada como *chima* (Figura 2A). A modelagem espaçosa combinava com o povo nômade do período, que buscava a cavalo novos lugares para viver, havendo a imprescindibilidade de transitar e se proteger dos climas severos durante as viagens. Por conta da exposição às baixas temperaturas, sabe-se que a origem do *durumagi* (Figura 3A), um longo casaco externo, também apareceu nos Três Reinos, e ainda se tinha a sobreposição do *jeogori*, uma jaqueta que envolve os braços e os troncos (Doopedia, s/d).

Figura 2: Desenhos elaborados pelo autor de peças que compõem o *hanbok*. A) *Chima* (esquerda). B) *Baji* (direita).



Fonte: Adaptado de Kyung Ja e Jung (2013 p. 24)

Ainda sob a visão de Kyung Ja e Jung (2013), é apresentado que, na dinastia Joseon (1392 d.C. a 1897 d.C.) e foco desta pesquisa, os valores de simplicidade e austeridade eram responsáveis pelo design básico do *hanbok*. Durante o último reinado, era definida com precisão a classe pertencente das pessoas através do traje. Os acabamentos, cores, tipo de gola, mangas e punhos eram diferenciados conforme seu status (Shim, 2001). Uma jaqueta *jeogori* em particular, nomeado como *samhoejang jeogori* (Figura 3C), possui cores tão distintas em cetins de seda tão luxuosos, que somente nobres tinham acesso à peça (Kyung Ja; Jung, 2013). Enquanto isso, trabalhadores faziam uso do *banhoejang jeogori* (Figura 3B), jaqueta feita em fibra de algodão esmagado e musselina (Hyelin; Hayeon, 2022).

Figura 3: Desenhos elaborados pelo autor. A) *durumagi* (esquerda). B) *Jeogori* (direita acima). C) *Jeogori* (direita abaixo) da classe alta *yangban*.



Fontes: Adaptado de Doopedia (s/d.); Shim (2001 p. 79-80) e Kyung Ja; Jung (2013 p. 19)

Casado e Sánchez (2021 p. 06) explicam que durante a anexação japonesa no último reinado, houve diversas alterações nas vestes para modernizar o país, a fim de trazer o olhar imposto pelos japoneses. Eles mencionam que o *hanbok*: "Era utilizado para promover progressivamente mudanças [...] a simplificação do *hanbok* tradicional foi instado a usar túnicas pretas, mangas estreitas e o número e a variedade de roupas que as classes podiam usar eram limitados". Ao escrutinar sobre, os autores também estabelecem que as ordens não foram aceitas pelos conservadores, porque essas mudanças iam contra a hierarquia bem delimitada imposta ao longo do século no neoconfucionismo¹⁰.

Visto que o último reinado coreano se encerra próximo ao período em que a história da minissérie *Pachinko* se inicia, é possível observar exposto – e até enraizados na sociedade do país – as distinções de classe através da indumentária tradicional. Por conseguinte, pode ser apreciado no trabalho da figurinista da minissérie o tratamento deste tópico com cuidado, servindo como molde da trama, e, como amparo para apresentar os problemas socioeconômicos do país através do figurino.

2.2.1. Figurino e Figurinista de Pachinko

Identificado como uma das principais ferramentas visuais de *Pachinko*, seja para mostrar as mudanças para tempos novos, seja para reforçar a classe social dos personagens, o figurino, por si, é entendido por Abrantes (2001) como um conjunto de peças que juntamente com os acessórios é capaz de representar um personagem e dar a vida a sua narrativa em diferentes meios de comunicação e expressão artística. Nessa construção, cada um dos detalhes visuais contribui diretamente na realização do espetáculo e na coesão possível para o trabalho.

Para Betton (1987), uma das maiores referências na reflexão do cinema como meio de comunicação, o figurino se conecta com todos os elementos fílmicos, como o som, o cenário, diálogos, iluminação, etc. Também chamado de guarda-roupa pelo autor, o figurino exalta as características dos personagens em diferentes camadas, sejam elas superficiais (como a beleza), ou algo mais interno, como a personalidade e atmosfera que se deseja possuir. Segundo Betton (1987), o guarda-roupa é um espetáculo artístico que pode ser definido como dois tipos, sendo eles:

- Realista, onde se tem uma base teórica e atenção aos contextos históricos na reconstrução das roupas como figurino.
- Intemporal, que, resumidamente, não mantém-se totalmente fiel ao contexto da época, coexistindo pequenas fugas no tempo.

Entende-se que os figurinos realistas não são historicamente corretos, mas sim embasados na teoria (Martin, 2005). Apoiada nessa perspectiva, a historiadora da indumentária Kisner (2022) comenta que não existe figurino historicamente exato ao período, pois há uma diferença entre figurino de época, releitura e recriação de trajes. Para ela: "O figurino é um trabalho de criação, imaginação, expressão artística [...] Ele não existe desconectado da produção e não tem autonomia fora dela". Logo, os figurinos são afetados por orçamentos, tempo, intervenções dos diretores – que entendem que precisam cativar o público e vender uma ideia mais atrativa do período.

Em relação aos figurinos da minissérie *Pachinko*, eles podem ser elencados como figurinos do tipo realista, por possuírem um cuidado na base do realismo e teórico da história coreana. Em entrevista concedida para a Vogue Índia (Goyal, 2022), a figurinista responsável pelo projeto na primeira temporada, Kyunghwa Chae, comenta que produziu aproximadamente 80% dos figurinos sob medida e garimpo o restante em lojas vintage no Japão e França, onde se

¹⁰ Origem chinesa. Vem da revitalização da tradição, onde busca integrar valores do filósofo Confúcio para enfrentar desafios sociais e políticos, influenciando ideias políticas e educacionais.

atentou até ao corante orgânico texturizado que era o usado na época. Esse trabalho foi dignamente feito para poder ser interpretado pelo público com toda a complexidade e dor histórica.

2.3. Semiótica Peirceana no Cinema

O cuidado em discorrer as camadas tanto estéticas, quanto simbólicas e históricas nos figurinos presentes na minissérie *Pachinko* (2021), tão bem trabalhados pela figurinista coreana Kyunghwa Chae, fazem com que a análise das peças seja melhor encaminhada se usada como ferramenta metodológica de estudo a semiótica¹¹. Comumente conhecida também como “ciência das linguagens e dos signos”, semiótica é uma das disciplinas que contemplam a arquitetura complexa filosófica de Peirce (Santaella, 2018, p. 24).

Fortalecendo essa perspectiva do peso na aplicabilidade da semiótica, Edgar-Hunt, Marland e Rawle (2013), ao adentrar no estudo do cinema, apontam que inevitavelmente o cinema se dirige ao estudo da semiótica, em uma urgência de comunicar e aplicar qualquer forma de linguagem possível. Para exemplificar o ponto, os autores afirmam que:

Um filme é um ato de comunicação altamente complexo, e nenhum ato de comunicação é eficaz a menos que se leve em consideração como o receptor irá recebê-lo. Se um filme deve ter um efeito desejado, o cineasta precisa saber exatamente como a tela se comunica. Ele precisa saber como as imagens produzidas serão entendidas pelo público e trabalhar conforme a sua imaginação, instante por instante. A Semiótica é útil nesse momento. (Edgar-Hunt; Marland, Rawle, 2013, p. 18).

É compreendido que, para interpretar uma obra cinematográfica, deve-se primeiramente entender que o cinema vai além das referências de personagens, ações e diálogos. Edgar-Hunt, Marland e Rawle (2013) reiteram que cada um desses elementos apresentados é formado por unidades menores, onde são fragmentados por inúmeras informações que condizem com a criação da ilusão de histórias tridimensionais. Estudiosos da área nomeiam esses pedaços informativos como signos, unidades de significados fundamentais, os átomos que constituem e formam os filmes, sendo esse tópico evoluído nos próximos parágrafos na visão de pesquisadores da semiótica.

Para Niemeyer (2010), a ciência semiótica é importante por questionar a significação das coisas. Tendo isso em mente, Santaella (2004) expõe que na semiótica peirceana, há três tricotomias gerais, às quais o Peirce explorou com esmero ao longo de sua vida. Essas três categorias são de base filosófica fenomenológicas e dão a lógica para toda a semiótica do americano, sendo elas o “motor” de toda a semiose (Peirce, 2000). A categorização dessas três bases será apresentada abaixo:

- Primeiridade: qualidade da consciência imediata, um sentimento e da qualidade. O que está na mente no instante presente, pré-discursivo. Em resumo, ela não se apoia em nada ou está atrás de coisa alguma.
- Secundidade: parte da concretude e sensações atribuídas. Sentimento ou impressão de resposta do signo com um objeto e demais signos. Na sua forma mais demasiada, a secundidade é entendida como um choque, surpresa e conflito. Santaella (2004) trata dessa categoria como aquela ligada à experiência e ao fato.
- Terceiridade: Corresponde à camada de pensamentos em signos, cuja base são a primeiridade e a secundidade.

¹¹ Para Edgar-Hunt, Marland e Rawle (2013), a semiótica pode ser apresentada como originada pelo linguísta e filósofo suíço Ferdinand de Saussure, sendo ele o primeiro a identificar alguns dos princípios básicos que se aplicam aos sistemas de signos.

Com o intuito de analisar os fenômenos dentro da teoria do americano, seu criador estabelece outras classificações, composta por: *Representâmen*, Objeto, Interpretante; vindos dos aspectos que são manifestados pelo próprio signo. O signo, também conhecido como *Representâmen* é a sustentação das significações que serão extraídas dos signos (Niemeyer, 2010). Em sequência ao signo, apresenta-se o Objeto, que, em síntese, é algo que pode vir a ser outra coisa, devido às circunstâncias. Para finalizar a tricotomia, temos o último pilar, nomeado como Interpretante, sendo esse “aquilo que o signo é possível de produzir na mente de alguém ou de algo” (Santaella, 2004 p. 43).

Das categorias bases do filósofo (primeiridade, secundidade e terceiridade) e da tricotomia explicada previamente no parágrafo anterior (Signo, Objeto, Interpretante), urge outra rede de classificação ramificada, nos quais para Santaella (2004) e Niemeyer (2010) concordam que podem gerar inúmeras formas interpretativas do signo (Figura 4) em diferentes áreas dos saberes, incluindo o cinema e imagens como principais alternativas.

Figura 4: As tricotomias de Peirce

	Primeiridade	Secundidade	Terceiridade
	Representâmen	Objeto	Interpretante
Primeiridade	Quali-signo	Ícone	Rema
Secundidade	Sin-signo	Índice	Dicente
Terceiridade	Legi-signo	Símbolo	Argumento

Fonte: Peirce (2000).

Apoiado na tabela exibida na Figura 4, compreende-se também que Peirce coloca que todo signo há a possibilidade de ser sub-categorizado em três outras unidades, onde todo signo pode ser:

- *Quali-signo*, onde existe a mera qualidade e só está presente na materialização do óbvio. Tida como um pré-signo, tem como exemplo: cor.
- *Sin-signo* é a existência concreta de algo que faz parte, como o objeto. Aquilo que vem com a individualização de um *quali-signo*. Há a possibilidade de um *sin-signo* se tornar um *legi-signo*, quando a singularização se converte para algum senso comum na sociedade.
- *Legi-signo*, a lei geral. Parte da impressão manifestada em um núcleo social, como as cores atribuídas a um gênero em um chá de revelação.

Localizado na coluna da Secundidade, o Objeto se desdobra na tríade: Ícone, Índice Símbolo, na qual, quando representada por semelhança e analogia, se intitula Ícone. *Quali-signos* por virem da percepção sgnica momentânea, os Ícones são os signos imagéticos, cujas representações vêm da semiose que atribui o objeto por conta de (e somente) suas qualidades variadas, como a fotografia (Santaella, 2004).

Caso a representação se faça através de observações que o objeto causa, nomeia-se como Índice. Escalados como *Sin-signos*, ele indica aquilo que desperta o interesse em um objeto, em um fato vem de um vestígio. (Santaella, 2004).

Ao final da tríade, o Símbolo vem dos princípios pré-existentes, intrínseco ao tipo de código, como uma virtude de uma lei a que pertence o signo (Niemeyer, 2010). Um exemplo de Símbolo é a ideia estabelecida na contemporaneidade de que as cores azul e rosa estão associadas ao sexo masculino e feminino, respectivamente.

Em relação ao signo na Terceiridade, o Interpretante, Peirce expõe a fragmentação dele em três níveis, sendo eles: Rema, Dicente e Argumento. Segundo Santaella (2018 p. 48): “Um

signo é um Rema para o seu Interpretante quando for de chance qualitativa. Assim são prioritariamente os ícones [...] não vai além de uma conjectura, uma hipótese interpretativa”, ou seja, seu objeto representa somente seus caracteres.

Seguido pelo Dicente, Santaella (2018) pondera que esse segundo termo abrange um signo com uma existência real e, por esse fato, não são Ícone. Por existirem, os Dicentes se caracterizam como *sin-signo* nessa tricotomia subdividida de Peirce.

A última ramificação do Interpretante, o Argumento, vem da extração das conclusões que partem do efeito do conhecimento das leis. Sendo definições mais precisas, é necessário ir além da conexão com o objeto, possuindo um comprometimento com as regras para interpretação (Mendes, 2013).

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com a finalidade de interpretar os figurinos de *Pachinko* (2021), essa pesquisa é aplicada e de caráter qualitativo, visando buscar entender os fenômenos profundamente, abordando as significações por trás das composições selecionadas. Gil (2021) contempla que o formato da pesquisa seguido é relacionado com uma peculiaridade exploratória, na qual se estuda os contextos inseridos para entender o todo. Por se desenvolver a partir de diversas publicações sobre história e indumentária, o trabalho também é compreendido como uma pesquisa bibliográfica.

Guiada pela ciência da semiótica imagética de Peirce, a análise de signos busca interpretar os signos relacionados a eles mesmos e a partir deles, suas ligações com objetos das cenas em três níveis diferentes, sendo estes nomeados (em ordem): Primeiridade, secundidade e terceiridade (Santaella, 2004).

Mediante a primeiridade, será posto tudo aquilo que é presente no quadro da cena. Como os elementos sensoriais da cartela de cores, formas dos figurinos e arquiteturas no cenário, texturas e possíveis filtros adicionados na pós-produção do audiovisual. Além disso, terá a descrição e contextualização da cena, com possíveis expressões de personagens, para identificar o humor do episódio, podendo ou não estar relacionado com os elementos já citados.

Na secundidade, a dedicação fica com a concretude do objeto (*sin-signos*). Teremos a exposição do que diz respeito aos materiais dos figurinos (fibras, métodos de tingimentos, tamanhos). Juntamente será colocado as correlações com pesquisas teóricas sobre o contexto histórico da época e do próprio *hanbok*, aspirando melhor aproveitamento da qualificação do enquadramento do figurino ser do tipo realista e desenvolvimento no tópico subsequente (terceiridade).

No final, a terceiridade trata de categorizar as informações já expostas, mas de acordo com uma manifestação aceita socialmente e bem desenvolvida (identificação das significações simbólicas para a cultura coreana, cores, estilos popularmente aceitos e as motivações por trás dessas apresentações). Ligado aos objetos, terá a finalização da relação dos figurinos e narrativa da minissérie com a história coreana e sua indumentária, exposta na secundidade das análises.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

No presente trabalho, através de dois figurinos, emerge a aplicação da semiótica peirceana para compreender as camadas simbólicas na narrativa da trama de *Pachinko* (2021) no que diz respeito à protagonista feminina Sunja (Kim Min-Ha). As figuras selecionadas trazem elementos que comunicam em suas nuances a cultura, identidade, história coreana e um recorte social pouco explorado e traduzido para o meio acadêmico científico.

4.1. ANÁLISES DE IMAGEM E DADOS

4.1.1. Imagem A - *Hanbok* de noiva

O primeiro figurino selecionado para análise é utilizado no episódio quatro, sendo visto nos primeiros vinte minutos de tela. Escolhido pela figurinista Kyunghwa Chae, a composição foi vestida pela atriz Kim Min-Ha, que interpretou a versão adolescente e jovem adulta de Sunja. Contextualizando o traje no episódio, o figurino foi usado na cerimônia do casamento da protagonista com o pastor Baek Isak e também na sua consumação, com um jantar íntimo de despedida da Coreia, pois o casal pretendia recomeçar a vida de casados no Japão. Por já estar grávida, não ser religiosa e ser apaixonada por outro homem, as condições em que se é realizado o casamento de Sunja não são favoráveis, principalmente quando o orador da comunhão se mostra contra o ato.

Figura 5 - Casamento de Sunja e Baek Isak no episódio quatro de Pachinko (2021)



Fonte: SOO, Hugh. Pachinko. Seoul: Apple TV+, 2022. 8 episódios (60 min).

4.1.1.1. Primeiridade

Ao analisar o primeiro figurino e sua ambientação selecionada (Figura 5), dentro da camada da primeiridade dos signos sendo associados consigo mesmo, a atenção inicial fica no contraste das janelas que iluminam a igreja com a capela em si, que se apresenta inóspita e com os bancos de madeira vazios. Na imagem capturada para se estudar, é notável que o casamento não parece uma comemoração, em parte por ser uma formalidade silenciosa, e outra por não ter convidados para a celebração, além da ausência de expressões alegres dos poucos presentes e a circunstância dramática em que se é realizado o casamento.

Composto apenas pelo casal, o pastor orador da cerimônia, e a mãe da noiva, que ficou de joelhos durante todo o sermão com um olhar vazio, a cena contempla uma cartela de cores do verde musgo e os tons de marrom ao bege, que se consolidam na estrutura da igreja e seus elementos com a luz vazada pelas esquadrias com fechamento de vidro. É possível observar também que a arquitetura das paredes internas são vindas do estilo tradicional do país, em uma coloração neutra com encaixes de madeira escura, cuja estética vem de uma adoção feita pelos coreanos e que segue historicamente algumas referências em construções antigas japonesas (Jackson; Koehler, 2012).

Voltando-se para a personagem principal da minissérie – localizada no centro da cena, em pé, com as mãos unidas em oração – temos a silhueta de Sunja iluminada pelo sol, atraindo o interesse pelo seu *hanbok* na cor branca, onde o humilde *jeogori* tem abertura na frente e amarração lateral. No figurino, o destaque fica para a saia *chima* com um volume mais solto

que o corpo da jovem grávida em si, enquanto a calça *bagi* é visível apenas como uma sombra. Seu cabelo separado ao meio na cor de ébano, profundo e negro, desliza suavemente, é amarrado em uma modesta trança, e não ostenta nenhum ornamento em pedras preciosas. Ela é o *representâmen* mais puro da cena, cuja simplicidade e juventude interiorana, com traços femininos se distinguem dos demais.

Para finalizar a primeiridade, a mesa no altar exhibe duas edições de livros fechados – provavelmente Bíblias –, duas velas acesas, sendo essas, incapazes de aquecer o cômodo fúnebre. Como um contraponto ao sol da manhã, o brilho amarelado das velas não tem um grande alcance, e as demais mobílias são de difícil visualização. Compreende-se que na cena também faz-se uso de bancos para acomodar os visitantes, e outros móveis feitos com o mesmo material, porém com acabamentos diferentes. A descrição da ambientação nessa parte se vê profícua, por se tratar da relação dos signos da captura da cena com eles próprios, e, para melhor trabalho na secundidade e terceiridade.

4.1.1.2. Secundidade

A segunda camada de análise na semiótica a partir da filosofia peirciana é, em um resumo sucinto, o trabalho de reflexões daquilo que é real e suas propriedades indiciais, ou seja, um breve início de constatações das significações das coisas com pontos de comparação. Observa-se a imprescindibilidade de relembrar a entrevista com a figurinista de Pachinko para Vogue Índia, onde é tratado do processo de pré-produção da minissérie, com o propósito de trazer informações extras úteis, indo além do achismo imagético, que já faz parte da subseção.

Como compreendido por Chae (Goyal, 2022), os figurinos de Pachinko deviam trazer a veracidade da época para as pessoas que ficavam às margens socioeconômicas da península. Sob essa realidade, o “*hanbok* de noiva” (Figura 5), posto como objeto do signo, não reproduz o traje tradicional de casamento padrão coreano. Conforme estudado por Azevedo (2019), o *hanbok* para casamentos do país traz cores saturadas e com aplicações diversas, dentro delas, as mais recorrentes são folhas de ouro e prata, simbolicamente desejando prosperidade para o casal. Entende-se que nas condições financeiras da família e da personagem, não seria possível algo mais detalhado, e por conta disso, temos uma alternativa simplificada na produção da série.

Ainda contemplando as alterações feitas com o *hanbok* tradicional, a escolha do branco para o look do figurino pode remeter como uma afronta a uma cena do episódio dois, onde é colocado o uso da cor como uma das proibições feitas pelos japoneses na indumentária coreana. Narrado por uma das funcionárias da pensão da mãe de Sunja, ocorre o seguinte fala: “Há histórias das crianças japonesas na cidade jogando lama e fezes em qualquer mulher coreana que ainda se atreva a usar branco” (Soo, Hugh. *Pachinko*. Bokhee. Episódio 2. Temporada 1, 2022. Apple TV). Em relação à fibra usada para o figurino, a escolha foi o algodão, destoando da regular seda, conforme proposto por Kyung Ja e Jung (2013), que coloca o tecido nobre no recomendado para a ocasião. O algodão pode ser um suporte para substanciar a escassez do povo interiorano de sua matéria-prima durante a colonização japonesa.

Ao considerar como uma das composições mais importantes para a história, acredita-se que o figurino (Figura 5) foi feito sob medida para a atriz Kim Min-Ha. Essa conclusão partiu da lógica de que, embora seja comum ter camadas de tecidos enrolados em volta do corpo no uso do *hanbok*, o traje em questão não apresenta esse padrão, que inclusive é evidenciado pelo sol matinal com uma camada única da *chima*. Lembrando que o *hanbok* não trabalha com medidas exatas, e sim com amarrações por fitas em alguns volumes do corpo (como o *jeogori*, que é regulado na cintura), e que essa técnica tornava possível as vestes serem repassadas para outras gerações de uma mesma família, principalmente as de classe baixa. Outro aspecto que

ressalta essa ideia parte da própria figurinista, que mencionou em entrevista que havia feito 80% dos figurinos sob medida (Goyal, 2022).

4.1.1.3. Terceiridade

Na terceiridade, onde se é aprofundado os *legi-signos*, categorizando-os em alguma ideia pré-estabelecida socialmente, podemos de início identificar uma profusão de referências do realismo¹² para a produção e enquadramento da cena, em especial as obras artísticas do final do século XIX. Divergindo ao movimento romantismo (que o antecede) e que comunicava o amor com um olhar sentimental, preso em sua própria individualidade, o realismo fazia críticas vorazes às concepções normalizadas da sociedade. O fato de ainda apresentar uma iluminação com pontos de luz específicos, escurecendo boa parte do cenário, colocando-o por vezes como terceiro plano, também fortalece essa ótica de repertório, pois eram técnicas adotadas pelo movimento quando expressadas em quadros artísticos.

Voltando-se para o objeto de análise, o traje branco do casamento de Sunja (Figura 5) pode trazer uma vasta categorização dos significados, variando o período e o lugar em que se busca essas informações. Com relação a coloração da veste, sabe-se que o branco do *hanbok* de noiva pouco se tem de conexão com o branco festivo de noiva que veio a ser tendência na Europa com o reinado de Rainha Vitória¹³ (1831-1901), creditada como a influenciadora e criadora da tradição de se casar usando o vestido dessa cor.

O branco das vestes tradicionais coreanas, principalmente na dinastia Joseon (1392-1897) simbolizava a vida humilde dos plebeus e também de estudiosos (Yun; *apud*. Aguilar, 2016). Como já comunicado na subseção 4.1.1.2, a cor fora apresentada na minissérie como uma das proibidas pelos japoneses. Dessa percepção, pode-se presumir que a escolha da tonalidade vem da representação da luta contra a “japonização” e o apagamento cultural do país, e que essa ideia era propagada em diferentes classes sociais da península. Sobre o assunto, a figurinista Chae conta que a cor foi aderida pelos coreanos como um adorno nacionalista, que outrora significava pureza e inocência, em um vínculo religioso (Goyal, 2022).

Dentro das camadas da complexidade, existe um último olhar a ser interpretado, na qual o figurino (Figura 5) pode se originar da divergência e ironia da cena em uma perspectiva religiosa. A pureza do branco das vestes para a igreja, pode servir de um contraponto a perda da castidade da jovem, que se casa grávida na capela usando a cor. Com essa base, o *interpretante* sugere que o “*hanbok* de noiva” de Sunja comunica o que a personagem não verbaliza, seja seu drama pessoal de estar grávida de outro homem e se casando com quem não ama, ou a luta pela sua terra natal durante os anos 1930.

Em congruência as infinitudes de significações, Sunja se coloca como a protagonista de sua história, tornando-se a mulher de escolhas difíceis. Desse modo, o figurino “*hanbok* de noiva” confere também a chegada do novo estágio de vida da personagem, onde ela não poderia mais ouvir os conselhos da sua rede de apoio, mas sim tomar suas próprias decisões baseadas em seus ideais. Levando consigo para o Japão apenas os ensinamentos passados pela família, principalmente sua mãe, que se desdobrou entre a pensão e cuidados diversos.

4.1.2. Imagens B e C - *Hanbok* de uso diário

O segundo figurino de análise escolhido é um *hanbok* com a sobreposição de um suéter de abertura por botões utilizado ao longo de todo o episódio cinco da minissérie Pachinko (2021). O figurino foi novamente vestido pela atriz Kim Min-Ha, e assinado pela figurinista

¹² Movimento estético que se opôs ao romantismo e criticou o adultério, fracasso social e a moralidade (Agarwal, 2012).

¹³ Segunda maior monarca em longevidade no trono da Inglaterra. Não foi a primeira noiva real de branco da história, mas é creditada como a criadora da tradição (Lee, 2020).

Kyunghwa Chae. O traje acompanha Sunja alojada no Japão, já casada com o pastor Baek Isak, se estabelecendo na humilde casa do seu cunhado (localizada em Osaka), enquanto lida com a saudade de casa e da sua mãe (Figura 6A). Para além desse singelo enredo, o look acompanha o surgimento da amizade entre a protagonista (Kim Min-Ha) e sua cunhada, a também coreana Kyung Hee (interpretada pela atriz Jung Eun-Chae) em meio às dificuldades financeiras da família, com a qual Sunja toma a frente para solucionar (Figura 6B).

Figura 6 - Cenas do episódio cinco. A) Sunja e cunhada. B) Sunja negociando com cobradores japoneses.



Fonte: SOO, Hugh. Pachinko. Seoul: Apple TV+, 2022. 8 episódios (60 min).

4.1.2.1. Primeiridade

Na análise do segundo figurino escolhido (Figura 6A) as percepções imediatas da primeiridade (Santaella, 2004), expandem os saberes explorados no trabalho do estudo de imagem. Isso porque a ambientação se altera por completo para trazer a visão desconhecida de Sunja (Kim Min-Ha) sobre o seu recente lar no país japonês. Com um novo arco da minissérie, o inverno finalmente chega nas terras ignotas, e com ele uma trajetória muito mais madura e cruenta se desenvolve. A hostilidade em que Sunja é recebida pelos seus vizinhos, reverbera nas ruas ínfimas de Osaka (Figura 6B), em um clima tão gélido quanto seu acolhimento. Ao longo de todas as cenas externas em que se explora o Japão da década de 1930 do episódio, temos um contraponto esdrúxulo cultural das construções japonesas e o figurino de origem coreana.

Sobre o figurino, Sunja traça um *hanbok* tradicional simples de uso diário. A saia *chima*, construída em camadas por conta do frio, é gasta em um tom branco, enquanto o *jeogori* da cor azul pastel com abertura frente, é sobreposto a um agasalho da mesma coloração, só que mais intensa. Por conta dos meses que se sucederam ao casamento na Coreia, Sunja agora aparenta a gravidez com o volume incontestável de sua barriga, que faz a personagem andar mais curva e possui uma postura mais cansada e impaciente. A caracterização de Sunja é finalizada com um modesto coque, com o cabelo separado ao meio. Como um trabalho completo no contexto da fenomenologia de Peirce (2000), o que mais chama a atenção é sua gestação e a nova sobreposição, que parece uma peça recém adquirida para o guarda-roupa de Sunja.

Aquando as simples residências nipônicas do universo de Pachinko, faz-se presente as construções de madeira em um marrom escuro e janelas de vidro, todas protegidas por um tecido branco. Os telhados são de apenas uma camada e retos, e sobre ele, a atmosfera arquitetônica segue as proporções retangulares comuns, sendo um dos elementos sóbrios primordiais das obras do período (Kanpouzias, 2003). Por fim, abordando já a pós-produção, é perceptível a presença de um filtro azulado.

4.1.2.2. Secundidade

Em meio às elaborações das impressões da segunda camada da tricotomia de Peirce, temos o estudo do signo se relacionando com o objeto de análise, e o estímulo inicial das constatações que se obtém a partir deles (Peirce, 2000). No que diz respeito ao figurino, pressupõe-se que em “*Hanbok* de uso diário” (Figura 6B), a figurinista Chae fez um vasto estudo histórico para trazer na composição toda a veracidade da época, no que concerne os recortes, acabamentos e estrutura do *hanbok*. Em uma narrativa ainda realista, a falta de elementos como acessórios e pedras preciosas (como a jade), principalmente o *binyeo*¹⁴ em prata ou ouro para prender o cabelo aprofundam essa ideia.

Podemos identificar da concepção teórica que o figurino (Figura 6B) entra em acordo com as pesquisas elaboradas por Shim (2001), Hyelin e Hayeon (2022) e Casado e Sánchez (2021), que em diferentes pontos de suas pesquisas associam as questões sociológicas com os detalhes da indumentária, registrando possíveis alterações no *hanbok* entre as classes das primeiras décadas de 1900.

Desses estudos, pondera-se que a variação de comprimentos do *jeogori* simples sem recortes e diferenciação de cores nas mangas, fibras menos delicadas e sem brilho, cores sem saturação, tipos de punhos e colares eram alguns dos traços que causavam disparidade entre as camadas sociais mais altas. Dentro dessas notas estabelecidas pelos autores, sugere-se que o *jeogori* na altura da cintura, colar duplo simples em fibra macerada¹⁵, tingido em tons insaturados, era designado para os modestos camponeses nacionalistas, que iam contra as alterações impostas pelos japoneses na anexação da Coreia, como exposto no tópico 2.2 a cerca do traje tradicional.

Sobre os índices da semiótica peirceana, as primeiras significações do traje medeiam o *hanbok* e o suéter. Sobre eles, é pressuposto que as fibras escolhidas são de origem natural, em uma grande probabilidade de linho ou algodão, pela sua textura mais rústica e a forma que se comporta besuntada. Acerca das cores, o *hanbok* está de acordo com a cartela de cores frias do episódio. Os tons de marrom, bege e azul possuem uma importante narração das sensações que se deseja ter com a história a ser contada.

O pauperismo também é retratado nas casas em que Sunja passa durante seu trajeto agitado no episódio, onde as janelas protegidas reforçam uma linha de privacidade e distanciamento dos contíguos. Em estudos sobre o assunto, é notório que os telhados das casas sem nenhuma funcionalidade de expressão ou curvatura, se afasta das ideias de tendências arquitetônicas do período, que ressaltam o telhado como importante elemento “curvo e contrastante as demais linhas retas das residências japonesas” (Kanpouzias, 2003). Tendo isso em mente, é possível concluir que as casas presentes tinham uma finalidade de sobrevivência – não estética –, e que, por conta disso, são moradias de pessoas desafortunadas. Para além, também é palpável a existência de uma segregação espacial urbana, pondo que a escassez está bem delimitada entre as classes, que não se misturam ou dividem o mesmo lugar.

4.1.2.3. Terceiridade

Partindo para um viés poético e delicado da terceiridade, tem-se uma comunicação inconsciente do objeto de análise (Figura 6B) com as atitudes e escolhas de Sunja. A primeira delas está na permanência do uso do traje tradicional coreano nas terras nipônicas como figurino, mesmo após todas as mudanças apresentadas. Ao fazer Sunja continuar usando o

¹⁴ É uma peça que segura e decora o cabelo, geralmente presa na parte de trás da cabeça. Variam de estilo, tamanho e material, mas geralmente são feitos de metal, madeira ou marfim. Em classes elevadas são adornados com joias, esmalte e pedras (Asia Society, s.d.).

¹⁵ Maceração é o processo de extração das fibras vegetais, onde os caules secos ficam submersos em água para liberação das fibras, através da fermentação. A fibra mais famosa que passa por essa técnica é o linho, a fibra mais antiga do mundo (Kuasne, 2008).

hanbok – um símbolo de luta contra o apagamento da sua cultura –, podemos interpretar como uma forma de frisar a origem da protagonista e a sua personalidade determinada, que não se intimida com os seus vizinhos japoneses a julgando pela sua nacionalidade e roupas.

Percebe-se também que essa escolha, ainda que ligada à personalidade, pode comunicar o apego de Sunja pela sua casa e pela sua mãe, sua principal influência (Sooh, 2021). Vivenciar a história de uma mulher coreana criando uma filha solo, enquanto gerencia uma pensão (em meio a anexação japonesa) moldou o caráter de Sunja, que se torna uma adulta prática, com um olhar à frente do seu tempo, principalmente no que diz respeito ao papel da mulher na sociedade.

Nesse paralelo entre o que a mãe de Sunja fez para sobreviver e salvar a filha, e a Sunja agora adulta buscando uma alternativa de pagar as contas de seu cunhado, o arco da narrativa adquire uma tonalidade melancólica e fria, onde é presenciado um ciclo de mulheres amadurecendo a partir de uma necessidade cruel de escassez. A sensação é extravasada pela cor azul, um dos fios narrativos em tela ao longo do episódio.

Sendo a cor da frieza, apatia (Heller, 2012) o azul traz também o significado da perda do contato. Essa distância entre mãe e filha é o que colore as vestes da protagonista, o lenço (Figura 6A) que carrega toda a saudade do passado desse vínculo, dito como imutável pela própria autora do livro, Min Jin Lee. Cada matiz de azul traz os sentimentos em que Sunja se afoga calada, enquanto preserva o laço da nacionalidade e repete o drama de sua família.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo empreendeu uma investigação sobre a história da Coreia em um período conturbado, fundamentando-se em uma extensa pesquisa bibliográfica. Ao longo dessa jornada, buscou-se aprofundar a importância da indumentária tradicional do país coreano na narrativa histórica da península, explorando, em paralelo, a evolução da protagonista Sunja através de dois figurinos produzidos pela figurinista Kyunghwa Chae. Para enriquecer a interpretação dos significados intrincados desses figurinos, recorreu-se à aplicação da semiótica peirciana, uma abordagem que permite desvelar as diversas camadas dos signos presentes.

Ao revisitar a história da Coreia no período de 1900 a 1930, foi identificado eventos-chave que moldaram a trajetória das roupas coreanas e revelaram uma rica hierarquia sobre a cultura da época. Foi descoberto que os *hanboks* eram mais do que simples peças de vestuário; eram expressões simbólicas de identidade, que comunicavam através dos modelos e detalhes das peças o status social das pessoas. Fora também discernido que a evolução dos *hanboks* se desdobravam através de dinastias, onde eram empregados diferentes conceitos e valores, emergindo padrões (cores, estampas, acabamentos) que condiziam com as transformações sociais e políticas, estabelecidas pelo governo do imperador vigente. A compreensão desses contextos enriqueceu a apreciação do estudo da indumentária, com foco nos *hanboks* como artefatos culturais.

Considerando tudo o que foi estudado, os figurinos analisados destacaram as tendências de simplicidade e austeridade, impostos na Dinastia Joseon (1392-1897) para os trajes tradicionais e encapsulam o processo de amadurecimento de Sunja em momentos cruciais da sua narrativa. Tanto o “*Hanbok* de noiva” (Figura 5), quanto “*Hanbok* de uso diário” (Figura 6B) são figurinos com expressões visuais que ecoam as escolhas de imposição de Sunja e refletem as mudanças significativas em sua narrativa pessoal.

O “*Hanbok* de noiva” (Figura 5) emerge como um manifesto visual de resistência cultural, confrontando não apenas a proibição da cor branca feita pelos japoneses, mas também simbolizando a ironia de se casar grávida vestindo a cor da pureza em uma época onde a

inocência era um requisito obrigatório nas mulheres. O figurino (Figura 5) é uma afirmação audaciosa da identidade coreana da protagonista diante das circunstâncias adversas. A incerteza da união com um homem que Sunja não amava e a mudança para o Japão, a fim de construir sua própria família são postas em cena, e o figurino torna-se uma representação visual multifacetada de sua jornada.

O segundo figurino, o "*Hanbok* de uso diário" (Figura 6B), assume um papel mais pragmático, mas igualmente significativo. Ao escolher manter sua indumentária coreana em terras nipônicas, Sunja preserva ativamente sua nacionalidade. Novamente as cores das vestes comunicam sensações, e o azul traz a distância melancólica e solitária da personagem em relação à sua mãe, destacando a saudade que corrói a protagonista. Ambos os figurinos, sob a direção da figurinista Kyunghwa Chae, transcendem a função puramente estética. Eles se tornam veículos visuais que trazem amadurecimento e resistência, sob um enredo de um ciclo invisível de mulheres na luta pela sobrevivência. Os acabamentos, cores e tecidos desses figurinos contribuem para uma narrativa em constante evolução histórica e reforçam os estudos bibliográficos da figurinista coreana para a produção, trazendo embasamento na realidade.

Por fim, os resultados desta pesquisa oferecem contribuições significativas para os estudos de design, figurino e indumentária – especialmente em contextos sociais menos favorecidos –, ressaltando a problemática da escassez de material e fontes que, ao longo do tempo, se perdem. Ao investigar a história da indumentária coreana em comunidades menos documentadas, este estudo preenche uma lacuna no conhecimento, evidenciando a invisibilidade histórica dos marginalizados socialmente. Essa abordagem enriquece a compreensão sobre a diversidade cultural em contextos menos estudados e também destaca a importância de estudos do tipo, para promover uma abordagem mais inclusiva e equitativa nos estudos acadêmicos da moda.

6. REFERÊNCIAS

ABRANTES, Samuel. **Heróis e bufões: o figurino encena**. Rio de Janeiro: Agora da Ilha, 2001.

AGARWAL, Ritu R.. *Realism in Gustave Flaubert's Madame Bovary*. **The IUP Journal of English Studies**, vol. 07, N° 1, pg. 18-23, março de 2012.

ANAWALT, Patrícia R. **A História Mundial da Roupas**. São Paulo: SENAC, 2011.

Asia Society. **Binyeo: A Dazzling Korean Traditional Ornamental Hairpin**. Disponível em: <<https://asiasociety.org/korea/binyeo-dazzling-korean-traditional-ornamental-hairpin/>>. Acesso em: 02 de outubro de 2023.

AZEVEDO, Yasmim Torres de. **Os elementos estéticos da noiva tradicional sul-coreana: entre a tradição e a religiosidade**. 2019. 39 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design-Moda) - Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

BALDUCCI, Gustavo. **Hanbok: Traje milenar coreano se mantém atual**. Elle, 02 de setembro de 2021. Disponível em: <<https://elle.com.br/moda/hanbok/>>. Acesso em: 07 de março de 2023.

BETTON, Gérard. **Estética do cinema**. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1987. (Coleção OPUS-86).

BROOKS, Graham; ELLIS, Tom; LEWIS, Chris. *Pachinko: A Japanese Addiction?* **International Gambling Studies**. Portsmouth, v. 08, nº 2, pg. 193-205, agosto de 2008.

BUZO, Adrian. **The making of modern Korean (Asia's Transformations)** - 4ª Edição. Routledge, 2022.

CASADO, Javier Marcos; SÁNCHEZ, Miguel Elias. **Historia, tipología y características de las distintas vestimentas dinásticas coreanas (hanbok) y su desarrollo cultural y social en Corea**. Julho 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Estudo Ásia Oriental) - Univerdade de Salamanca, Salamanca.

DENY, Sean. **The Tapestry of Colonial Communication: Colonizing Discourses in the Seoul Press**. 2011. 107 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade de Toronto, Canadá.

DOOPEDIA. **“Durumagi”** – 제목. s/d. Disponível em: <<https://terms.naver.com/entry.naver?cid=40942&docId=1084903&categoryId=32079/>>. Acesso em: 29 de abril de 2023.

DOOPEDIA. **“Jeogori”** 저고리: 양팔과 몸통을 감싸며 여며 입는 한복의 옷. s/d. Disponível em: <https://www.doopedia.co.kr/doopedia/master/master.do?_method=view&MAS_IDX=101013000723220/>. Acesso em: 29 de abril de 2023.

DUDDEN, Alexis. **Japan's Colonization of Korea: Discourse and Power**. Hawaii: University of Hawaii Press, janeiro de 2004.

EDGAR-HUNT, Robert; MARLAND, John; RAWLE, Steven. **A Linguagem do Cinema**. Porto Alegre: Bookman, 2013.

FAN, Ritter. **Crítica | O Sabor da Identidade**. - 1ª Temporada. Plano Crítico, 13 de maio de 2022. Disponível em: <<https://www.planocritico.com/critica-pachinko-1a-temporada/>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como Fazer Pesquisa Qualitativa**, 1ª edição. Rio de Janeiro: Atlas, 2021.

GOYAL, Darshita. **In Apple TV+ drama Pachinko, the costumes symbolise a changing Korean identity**. VOGUE SG, 26 de mai. 2022. Disponível em: <<https://vogue.sg/in-apple-tv-drama-pachinko-the-costumes-symbolise-a-changing-korean-identity/>>. Acesso em: 22 de jun. 2023.

HAN, Jongwoo. **The Metamorphosis of U.S.-Korea Relations: The Korean Question Revisited**. Lanham: Lexington Books, 2022.

HELLER, Eva. **Psicologia das cores: Como as cores afetam a emoção e a razão**. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 2012.

HYELIN, Kim; HAYEON Kim. **Pachinko' shows Hanbok's journey through history: NY Times**. Korea.Net, 11 de abril de 2022. Disponível em: <<https://www.korea.net/NewsFocus/Culture/view?articleId=213060/>>. Acesso em: 07 de mar. 2023.

JACKSON, Ben; KOEHLER, Robert. **Korean Architecture: Breathing with Nature**. Seoul: Seoul Selection, 2012.

JANG, Seyoon; LEE, Yuri. **Study on Wearing Fusion Hanbok at Child's First Birthday Party**. International Journal of Costume and Fashion. Seoul, vol. 11, Nº. 2, p. 13-24. Dezembro, 2011.

KANPOUZAS, Helena. **A casa moderna ocidental e o Japão: a influência da arquitetura tradicional japonesa na arquitetura das casas modernas ocidentais**. 2003. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Dissertação. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/11432/000607072.pdf>>. Acesso em: 23 de ago. 2023.

KISNER, Pauline “Modista do Desterro”. **Não existe figurino de época historicamente correto - e está tudo bem**. YouTube, 08 de abr. 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kE8dB3DIaC8/>>. Acesso em: 22 de mai. 2023.

KUASNE, Angela. **Fibras Têxteis** (Apostila). Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina (CETEC): Curso têxtil em malharia e confecção. Araranguá, 2008.

KYUNG JA, Lee; JUNG Eun-Young. **Hanbok: Timeless Fashion Tradition**. Los Angeles: Seoul Selection, 2013.

LEE, Summer. **1840 – Queen Victoria's wedding dress**. Fashion History Timeline, 28 de jan. de 2020. Disponível em: <<https://fashionhistory.fitnyc.edu/1840-queen-victorias-wedding-dress/>>. Acesso em 02 de out. 2023.

MACEDO, Emiliano Unzer. **A Montanha e o Urso: Uma História da Coreia**. Columbia San Bernardino, Estados Unidos. Amazon Independent Publishing, 2018.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. Eduarda Colares. Lisboa: Dinalivro, 2005.

MENDES, Plácida. **A importância da linguagem do vestuário e a influência da globalização sobre a mesma**. 2013. 130 f. Dissertação (Mestrado em Design de Moda) – Universidade da Beira do Interior, Covilhã.

National Folk Museum of Korea: Korean Culture Box. **Hanbok Infantil**. Disponível em: <<https://www.nfm.go.kr/k-box/ui/hanbok/child.do;jsessionid=624A034B3404B4FC74C81EF2DA03C2EA?lang=pt/>>. Acesso em: 17 de abril de 2023.

National Folk Museum of Korea. **Dragon Binyeo Pin**. Disponível em: <[https://www.nfm.go.kr/user/search/english/974/search/searchDetail/jsp/LayoutPage.do#/>. Acesso em: 02 de out. de 2023.](https://www.nfm.go.kr/user/search/english/974/search/searchDetail/jsp/LayoutPage.do#/)

NIEMEYER, Lucy. **Elementos de Semiótica Aplicados ao Design**. Rio de Janeiro: 2AB, 2010.

OLIVEIRA, Amaury Porto de. **Os coreanos na história segundo Bruce Cumings**. Revista Brasileira de Política Internacional, nº 40, p. 193-200, Outubro de 2008.

PEDRAZA, Marta. **Pachinko, sobrevive, por encima de todo**. Magazinema, 2022. Disponível em: <[https://www.magazinema.es/pachinko-sobrevivir-por-encima-de-todo-2022/>. Acesso em: 22 de abril de 2023.](https://www.magazinema.es/pachinko-sobrevivir-por-encima-de-todo-2022/)

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica aplicada**. Cengage Learning Brasil, 2018.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. 20. reimp. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SHIM, Hwa-jin. *An Analysis and Comparison of the Characteristics of Traditional Hanbok and Everyday (daily) Hanbok Focusing on the Basic Dress*. **Journal of Fashion Business**. Seoul, v. 5, n. 5, p. 77-86, 2001.

SMITH, Katharine V. **Transformations of Hanbok in the Age of Hallyu: Fashion, Cultural Hybridization, and the Construction of Vernacular Korean Nationalism**. 2022. Honors Undergraduate Theses. Disponível em: <[https://stars.library.ucf.edu/honorstheses/1210/>. Acesso em: 09 de abr. 2023.](https://stars.library.ucf.edu/honorstheses/1210/)

SOH, Hwang-Oak. *On Promotion of Wearing Hanbok for the Modernization of Traditional Costumes*. **International Journal of Costume**. Seoul, v. 8, nº 1, p. 75-84, junho de 2008.

SOO Hugh (Temporada 1, ep. 2). **Pachinko** [Mini Seriado]. Direção: Kogonada e Justin Cho. Produção: Jordan Murchia, Lindsey Springer, Michael Ellenberg, Richard Middleton, Soo Hugh e Theresa Kang Lowe. Seoul: Apple TV+, 2022. 8 episódios (60 min).

SOO Hugh (Temporada 1, ep. 4). **Pachinko** [Mini Seriado]. Direção: Kogonada e Justin Cho. Produção: Jordan Murchia, Lindsey Springer, Michael Ellenberg, Richard Middleton, Soo Hugh e Theresa Kang Lowe. Seoul: Apple TV+, 2022. 8 episódios (60 min).

SOO Hugh (Temporada 1, ep. 5). **Pachinko** [Mini seriado]. Direção: Kogonada e Justin Cho. Produção: Jordan Murchia, Lindsey Springer, Michael Ellenberg, Richard Middleton, Soo Hugh e Theresa Kang Lowe. Seoul: Apple TV+, 2022. 8 episódios (60 min).

7. GLOSSÁRIO

Anexação: Ato de incorporar ou adicionar um território, região ou nação a outro país dominante. Comumente é feito a partir de acordos políticos, controle militar ou processos legais.

Baji: Calça larga, que varia o comprimento e acabamentos conforme a dinastia vigente. É uma das peças que compõem a vestimenta tradicional coreana do vestuário masculino e feminino e segue um período antigo da formação da civilização coreana.

Binyeo: Acessório tradicional coreano que segura e decora o cabelo feminino, geralmente presa na parte de trás da cabeça. Varia de estilo, tamanho e material conforme poder monetário de sua dona. Geralmente são feitos de metal, madeira ou marfim. Em classes elevadas são adornados com joias, esmalte e pedras preciosas como jade, ágata, pérolas e turquesa.

Chima: Saia longa essencial no vestuário feminino do traje tradicional coreano. Geralmente amarrada na cintura para permitir adaptação de tamanhos, o *chima* exibe uma ampla gama de formas, designs e padrões, variando de acordo com o período histórico e a estação.

Dinastia: Sequência de governantes pertencentes à mesma família, que mantém o controle político e cultural de uma região ou país ao longo de sucessivas gerações. As dinastias são marcadas por uma continuidade de poder dentro da linhagem familiar ao longo do tempo.

Durumagi: Casaco externo tradicional coreano, caracterizado por seu design amplo e solto, frequentemente usado por cima do *hanbok*. Apresenta mangas largas e um corte fluido. É associado a períodos históricos antigos na Coreia, por conta da sua funcionalidade em temperaturas baixas.

Hanbok: Traje milenar que serviu como a roupa do dia a dia na Coreia para homens e mulheres desde o período antigo dos Três Reinos. Composto por uma sobreposição de peças e acessórios, a indumentária é geralmente destacada por apresentar cores vibrantes, cortes elegantes e fibras ricas nas altas classes. Atualmente é usado para cerimônias que preservam a conexão cultural e histórica do país, como festivais, casamentos, aniversários de um ano de idade dos filhos e funerais.

Indumentária: Conjunto de vestimentas e acessórios que compõem o vestuário de uma sociedade ou grupo, muitas vezes refletindo normas sociais, influências políticas e práticas culturais em períodos diversos e ou antigos.

Jeogori: Jaqueta que envolve os braços e os troncos e serve como sobreposição no *hanbok* feminino e masculino.

Maceração: Processo de extração das fibras vegetais, onde os caules secos ficam submersos em água para liberação das fibras, através da fermentação.

Neoconfucionismo: Movimento intelectual originário da China que representa a revitalização dos princípios éticos e filosóficos estabelecidos por Confúcio. Nele era integrado valores tradicionais, enfatizando a ética pessoal (como sinceridade, lealdade e benevolência), preconizando relações humanas e sociais baseadas nos deveres e suas responsabilidades. Essa corrente de pensamento também promovia o respeito pela tradição cultural, acreditando na importância da sabedoria do passado para orientar as gerações futuras. Na sociedade coreana, o movimento buscou preservar a identidade nacional coreana, enfatizando a lealdade ao país e relações

humanas. Durante a anexação japonesa serviu como ferramenta para preservar a cultura coreana e fortalecer a resistência nacionalista.

Pachinko: Máquina equivalente ao fliperama, imensamente popular em todo o Japão.

Península: Extensão de terra que é cercada pela água em grande parte do seu perímetro e possui uma pequena conexão com o continente territorial.

Protetorado: Arranjo político no qual um país exerce influência significativa sobre outro Estado, muitas vezes concedendo-lhe autonomia limitada.

Realismo: Movimento artístico e literário do século XIX que sucede o movimento romantismo e prioriza a representação fiel e objetiva da realidade cotidiana. Suas características fundamentais incluem uma abordagem da vida, muitas vezes acompanhada de críticas sociais e morais, explorando as complexidades desses temas no cotidiano e provocando a sociedade e as relações mundanas.

Romantismo: Movimento cultural e artístico datado do final do século XVIII e início do século XIX. Nele era valorizada a expressão emocional, a individualidade e a imaginação. Caracterizado pela ênfase na natureza, o sublime, a busca por autenticidade e a exaltação do sentimento, o movimento abrangeu diversas formas de arte, como literatura, música e pintura.

Semiótica: Campo de estudo que explora os processos de significação e comunicação através de signos, onde podem ser inseridos em contextos visuais, sonoros e gestuais.

Tratado de Eulsa: Acordo assinado em 1905 entre o Império Japonês e o Reino da Coreia, também chamado de Tratado de Protetorado Japão-Coreia representa um marco crucial na história coreana. Este tratado conferia ao Japão uma série de concessões desiguais sobre a Coreia, incluindo controle da política externa, presença militar, intervenção nos assuntos internos e influência na nomeação de funcionários governamentais. Esses termos pavimentaram o caminho para a anexação formal em 1910.

Três Reinos: Período de divisão da península coreana em Baekje (sudoeste), Silla (sudeste e centro da península) e Koguryo (norte da península). Era habitada por agricultores entre terras férteis das montanhas e mar, sem muralhas. É o primórdio da civilização coreana e marca inúmeros confrontos, alianças até a sua unificação.

Tricotomia: Divisão ou categorização em três partes distintas/elementos. Na lógica e filosofia, pode ser associado à ideia de tríades ou tríplexes distinções.

Exército Justo/Uibyeong: Grupo originado durante o Tratado protetorado Japão-Coreia subdividido entre uma parcela que mantinha sua fidelidade à dinastia Joseon e outra porcentagem de radicais que lutavam pela igualdade e o nacionalismo coreano. Ainda existiu uma terceira via que acreditava no patriotismo, mas desvinculava sua imagem do "Exército Justo".